



Imaginação e conhecimento: uma contraposição entre Vico e a teoria cartesiana

*Marcelo Lopes Rosa**

Resumo: Na modernidade, os cartesianos assinalam a interferência da imaginação dentre as dificuldades para se obter um conhecimento verdadeiro. Considerava-se os hipogrifos, centauros e outros seres como composições elaboradas pela imaginação humana a partir da reunião de partes mais simples, anteriormente percebidas pelos sentidos. Assim, eles consideram a imaginação e os sentidos como algumas das maiores causas de engano, caso sejam endossados pela faculdade de julgar. Em contraste, Vico busca fundamentar um conhecimento verdadeiro sem desprezar os sentidos e o corpo. Para ele, o homem está condicionado a ter um conhecimento verdadeiro somente daquilo que ele mesmo faz. E o conhecimento que ele produz sobre a natureza procede por meio da análise de suas partes, como uma espécie de “anatomia”, para, em seguida, reconstituir tudo por meio da síntese, recorrendo à imaginação. Para depurar os possíveis enganos que a imaginação produzir, Vico indica as faculdades de perceber, julgar e raciocinar.

Palavras-chave: Ciência e Filosofia; Análise; Síntese.

Imagination and knowledge: a contrast between Vico and Cartesian theory

Abstract: In the modernity, Cartesians point out the interference of imagination among the difficulties to obtain true knowledge. Hippogriffs, centaurs and other beings were considered as compositions elaborated by the human imagination from the assembly of simpler parts, which were previously perceived by the senses. Thus they regard the imagination and the senses as some of the greatest

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Filosofia do Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: marcelo.rosa@ifpr.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2421918464544264>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4142-2720>.

causes of deception, if they are endorsed by the faculty of judgment. In contrast, Vico seeks to ground true knowledge without neglecting the senses and the body. For him, man is conditioned to have a true knowledge only of what he himself does. And the knowledge he produces about nature proceeds through the analysis of its parts, as a kind of “anatomy”, to then reconstitute everything through synthesis, resorting to imagination. To purify the possible mistakes that the imagination can produce, Vico indicates the faculties of perceiving, judging and reasoning.

Keywords: Science and Philosophy; Analysis; Synthesis.

Introdução

A discussão sobre o lugar da imaginação para a elaboração de um conhecimento verdadeiro, que equivalia ao mesmo que conhecimento científico, foi um lugar-comum entre os filósofos europeus durante o período que compreendeu os séculos XVII e XVIII. A imaginação foi associada a um conhecimento sensorial e tida como insuficiente para a produção do conhecimento com status de científico. Muitos filósofos dedicaram-se a busca por um conhecimento que pudesse ser atestado como verdadeiro, geralmente confrontando o conhecimento de origem aristotélico-tomista e também opostos aos simples dados dos sentidos. Seguindo uma tradição que remonta a um certo agostinismo, o conhecimento humano ainda era considerado como imperfeito. Em contraposição, o conhecimento de origem divina tinha como principal atributo a perfeição. Alguns autores, como Descartes, ambicionavam por verdades perfeitas que fossem garantidas tanto para o âmbito humano quanto para o divino, caso fossem claras e distintas. Neste texto, buscamos contrapor duas concepções modernas que divergem sobre o papel da imaginação na participação da construção do conhecimento científico: uma é a perspectiva de Vico e a outra é a percepção que Vico possuía sobre Descartes nesse mesmo assunto. Embora Vico e Descartes fossem pensadores bem distintos, Vico teria recebido algumas influências do

pensamento cartesiano, que era lido e debatido em Nápoles, sua cidade. Contudo, a teoria de Vico se distancia em alguns aspectos fundamentais da teoria cartesiana. É preciso justificar que o presente texto é um recorte do pensamento de ambos autores. Em Descartes, o limite desse trabalho são as obras *Discurso do Método* (DESCARTES, 2000-A) e *Meditações* (DESCARTES, 2000-B), fazendo algumas referências a obra *Princípios de Filosofia* (DESCARTES, 2016), e será exposto a partir da leitura que Vico tinha sobre sua teoria e sobre os cartesianos de seu tempo. Em Vico, a atenção volta-se, principalmente, sobre as suas obras primeiras: *De Nostri Temporis Temporis Studiorum Ratione*, de 1709 (VICO, 1998), e *De Antiquissima Italorum Sapientia Ex Linguae Latinae Originibus Eruenda*¹, de 1710 (VICO, 1999-2000), bem como a sua obra da maturidade: *Principi di Scienza Nuova di Giambattista Vico D'intorno Alla Comune Natura delle Nazioni*, de 1744 (VICO, 2005), doravante *Ciência nova* ou *Sn*. Parte do que motiva esse recorte é a observação feita por Damiani (2000, p. 22), que considera a *De ratione* como uma resposta à obra *Discurso*; ao passo que a *De antiquissima* se remeteria diretamente à *Meditações*.

O conhecimento divino e o humano

Durante o período da filosofia moderna, muitas das discussões que abordavam as limitações do conhecimento discorriam sobre a dicotomia entre o conhecimento divino e o humano. O primeiro era perfeito e o outro ainda seria cheio de imperfeições (DESCARTES, 2000-A, p. 68). Na quarta meditação, Descartes registra a dificuldade humana de produzir o conhecimento ao afirmar que “Minha natureza é extremamente fraca e limitada, ao passo que a de Deus é incompreensível e infinita” (DESCARTES, 2000-B, p. 294). O homem é alguém com o conhecimento

¹ Doravante *De Ratione* e *De Antiquissima*, respectivamente.

sempre limitado², enquanto que Deus possui uma capacidade infinita de conhecimento³. Diante disso, Descartes expôs essa imperfeição e as causas que geram o equívoco no espírito humano, a saber: o concurso entre a capacidade de conhecer versus a capacidade de escolher.

[...] analisando-me mais de perto e considerando quais são meus enganos (que apenas testemunham existir imperfeição em mim), descubro que dependem do concurso de duas causas, isto é, da capacidade de conhecer que há em mim e da capacidade de escolher, ou seja, meu livre-arbítrio: do meu entendimento em conjunto com a minha vontade (DESCARTES, 2000-B, quarta meditação, p. 294-295).

As causas do engano humano decorreriam da relação entre a faculdade de julgar e a nossa capacidade de conhecer⁴ (DESCARTES, 2000-B, p. 297). Assim sendo, tais enganos podem ser compreendidos a partir do fato de que a nossa capacidade de escolher é ampla e, por assim ser, ela escolhe coisas que não entende, porque o entendimento humano é limitado e imperfeito. Disso resulta que o homem escolhe “O mal pelo bem ou o falso pelo verdadeiro” por meio da vontade. A teoria do livre arbítrio permeia o argumento dos limites do homem para o conhecimento, sendo um tema que ecoa de Agostinho. Vico também tematiza a teoria do livre arbítrio agostiniano, mas lhe adiciona a ação da vontade divina que não abandona o homem. Na *De Antiquissima* ele escreve: “Daí sucede que

² “Nas palavras finais das Meditações, ‘devemos reconhecer a fragilidade da nossa natureza’. Nossa falibilidade é inescapável; mas, uma vez que Descartes não está investido do objetivo de fornecer uma panaceia contra todo erro possível, isso não é fatal para seu projeto” (PATTERSON, 2011, p. 232).

³ A afirmação de Descartes é reforçada no artigo 24, primeira parte dos Princípios, cujo título é “Depois de termos conhecido que Deus existe, é necessário lembrarmo-nos de que o nosso entendimento é finito e que o poder de Deus é infinito” (DESCARTES, 2016, p. 36).

⁴ Esse juízo é reforçado no artigo 33 da primeira parte dos Princípios, em que Descartes afirma: “Contudo, o que geralmente origina os nossos enganos é emitirmos juízos quando não temos ainda um conhecimento muito exato daquilo que julgamos” (DESCARTES, 2016, p. 39).

até mesmo em nossos erros não perdemos Deus de nossa vista: pois abraçamos o falso sob a aparência de verdadeiro, o mal sob a aparência de bem” (VICO, 1999-2000, VI, p. 473). Na *Ciência Nova*, Vico (2005, §136, p. 109-110) escreve: “[...] o homem possui livre arbítrio, ainda que débil, para fazer das paixões virtudes; mas que é naturalmente ajudado por Deus através da divina providência e, sobrenaturalmente, pela graça divina”. Ou seja, mesmo que o livre arbítrio seja causa de erro para o homem, Vico considera que a Providência Divina o conduz e o preserva⁵.

No debate sobre a distinção entre o conhecimento humano e o divino, Vico delimita o termo *cogitare*, próprio do humano, como “pensar e andar recolhendo”, e o termo *intelligere* refere-se a “ler perfeitamente” e “conhecer abertamente”, o que seria uma atividade exclusiva de Deus (VICO, 2002, p. 133)⁶. Enquanto que em Deus o conhecimento é inteligência, no homem seria apenas pensamento (VICO, 2002, p. 134). No decurso de constituição de uma ciência sobre a natureza, a mente humana procede uma decomposição dessa natureza em partes, ou seja, uma análise. E sendo incapaz de “ler perfeitamente” a natureza e também incapaz de entendê-la, o homem a recompõe em pensamento. Para obter algum conhecimento é necessário que, após dividir as coisas em partes, o homem proceda a sua recomposição por meio de um processo criativo de síntese. Segundo Vico (2002, p. 136): “Deus conhece o todo, porque contém em Si os elementos que compõe o todo; o homem, por sua vez, se empenha em sabê-lo dividindo. Assim, pois, a ciência humana parece uma sorte de anatomia das obras da natureza”. A ciência humana, quando investiga seu objeto, decompõe as partes conforme elas se apresentam em seus aspectos mais exteriores, atuando como uma “sorte de anatomia”, e, depois, com o uso da abstração, tenta recompô-las de acordo com o modo tal como funcionariam na natureza.

⁵ De maneira sobrenatural ou rompendo com a ordem natural das coisas, Vico considera que Deus interfere no curso dos erros dos homens por meio da graça para preservá-los.

⁶ Cf. MARTIRANO, 2012, p. 257-258.

Para Vico (2002, p. 134), a mente humana, por causa de sua limitação, percebe apenas os aspectos mais externos das coisas da natureza e é incapaz de abranger o todo em seu entendimento. O homem seria um partícipe da razão⁷, o qual não teria condições de possuí-la, porque ela pertence a Deus. Segundo Silva Neto (2012, p. 214):

o humano participa da razão já que é dotado da faculdade de colher os elementos das coisas e pode pensá-las (o *cogitare*), porém, não possui a razão absolutamente e está essencialmente impossibilitado de *reunir* a totalidade dos elementos da obra de Deus, não possuindo, portanto, a inteligência das coisas, a faculdade de demonstrá-las (o *intelligere*).

Se para o homem o conhecimento que lhe é possível é apenas aquele sobre o mais externo das coisas, então o conhecimento que ele terá sobre a natureza é sempre limitado. Como Deus é o criador da natureza, a ciência divina sobre a natureza converte o verdadeiro no feito a partir de seus aspectos interiores e somente Ele poderia compreendê-la perfeitamente. No que concerne ao homem, o seu conhecimento da natureza é também sobre o feito que ele mesmo produz através de um conhecimento sintético dos seus aspectos mais exteriores, formando apenas uma imagem das coisas como uma espécie de pintura ou quadro⁸. Segundo Guido (2004, p. 34), “A ciência humana quando está aplicada ao estudo do mundo natural é capaz de conhecê-lo na sua superfície, no entanto, tal como a pintura, não é capaz de penetrar a essência da coisa retratada; [...] descrevendo o seu movimento e a sua superfície”.

Daí, o recurso da tópica é considerado como uma ferramenta importante para o conhecimento científico, sendo comum à retórica e à imaginação. A tópica é a arte de unir pontos distantes e permite o

⁷ MARTIRANO, 2012, p. 258.

⁸ “[...] a verdade divina é uma imagem tridimensional das coisas, como um modelo; a humana é um esboço linear ou imagem plana, como uma pintura; e tal como a verdade divina é o que Deus, em tanto quanto sabe, dispõe e gera, assim a verdade humana é o que o homem, enquanto conhece, compõe e faz” (VICO, 1999-2000, p. 446).

desenvolvimento da capacidade criadora. A teoria de Vico sobre a capacidade criadora e produtiva da mente humana o coloca em oposição com a teoria cartesiana. Sobre a tópica e a síntese, Martirano (2012, p. 255) escreve:

Na realidade, em sentido plenamente dinâmico e criativo, a tópica é aquela arte que conhece o mundo da experiência com os caracteres poéticos (identificados na *Sn*): os lugares por meio dos quais os homens se reconhecem criando um senso comum. O nexos entre tópica e síntese permite descobrir a modalidade genética da invenção, cuja atividade consiste em chegar até os elementos simples para recompô-los ordenadamente, operação que coloca em evidência a relação que subsiste com o fazer-se originário das coisas. São argumentações que encontram uma elaboração teórica precisa no *De ant.*, no qual o critério da ciência cartesiana é suplantado definitivamente pela nova formulação centrada na capacidade produtiva da mente.

Dessa maneira, a ciência humana sobre a natureza é um conhecimento sempre artificial, que não abarca todos os elementos, pois sua compreensão é finita e o procedimento que ela opera não consegue decompor todos os elementos. A partir disso, o processo sintético torna-se em uma ferramenta importante para superar tal limitação quando proporciona recompor o que foi decomposto pelo processo analítico. Vico define a *ratio* humana como um recolhimento de informações, que diferencia o homem dos animais brutos (VICO, 2002, p. 133). Pensar, que é a propriedade humana, é “andar recolhendo”. Entender, que é a faculdade divina, é compreender inteiramente as coisas. As ideias são símbolos e significantes das coisas e as palavras são também símbolos e significantes das ideias. Como o homem não é o criador da natureza, os elementos que ele pode recolher pela razão e compor em ideia são apenas os exteriores. A mente humana é dotada de capacidade criativa, assim como a sua ciência também é criadora. Vico atribui à imaginação a capacidade de criação, algo que é fundamental para que a ciência humana se desenvolva.

Entendimento e imaginação

Para os modernos, o entendimento e a imaginação são duas coisas distintas, sendo o primeiro uma atividade do espírito e o segundo estaria mais próximo dos sentidos e do corpo. A respeito da imperfeição do conhecimento humano, Descartes (2000-B, p. 295-296) considera que o homem tem imaginação e pensamento limitados e imperfeitos, mas a sua capacidade de escolher, ou livre arbítrio, é infinita. Assim, os hipogrifos, as quimeras e as sereias surgem na imaginação humana pela ação de recomposição na ideia de partes desses seres, que foram, em algum momento, percebidos pelos sentidos (DESCARTES, 2000-B p. 272-273). Tais partes percebidas têm alguma correspondência com a realidade, mas foram equivocadamente agregadas e recriadas pelo uso da imaginação. Diante de uma capacidade de conhecimento finita e de outra de escolher infinita, por vezes, o homem acaba optando pelo duvidoso como verdade e cai em equívoco. Logo, a imaginação, enquanto um pensar e também como um sentido (DESCARTES, 2000-B, p. 263), pode promover o engano e, portanto, não é totalmente confiável para a fundação de um conhecimento claro e distinto, de acordo com a teoria cartesiana. Para um conhecimento certo e seguro, Descartes prefere se deter naquilo que se apresente ao seu espírito somente de forma clara e distinta ao entendimento e despreza os conhecimentos que lhe causem a menor dúvida⁹. Portanto, o imaginar é apresentado como um conhecimento limitado pelos sentidos, enquanto que o puro ato de compreender ou de conceber através do entendimento viria a ser sua escolha para o fundamento de sua ciência (DESCARTES, 2000-B, p. 313-314).

Em contraste com a interpretação cartesiana sobre a imperfeição do conhecimento humano, Vico considera que, se diante das coisas o

⁹ Para Descartes: “Será mesmo muito útil rejeitarmos como falsas todas aquelas coisas em que pudermos imaginar a menor dúvida, de modo a que [se descobirmos algumas que apesar de tal precaução] nos pareçam claramente verdadeiras, possamos considerar que também elas são muito certas e as mais fáceis que é possível conhecer” (DESCARTES, 2016, primeira parte, art. 2, p. 27, destaque do tradutor).

homem só é capaz de conhecer os seus aspectos mais exteriores e ao decompô-las por análise somente a abstração pode recompô-las e organizá-las em uma síntese de um conhecimento artificial, esse conhecimento que o homem tem sobre a natureza nunca terá a condição de ser claro e distinto, como desejava aquela teoria. Martirano (2012, p. 255) afirma que

De fato, o critério das ideias claras e distintas é declarado inaplicável [...], bem como a separação entre razão e corpo, e o fazer geométrico torna-se o modelo exemplar de toda a ciência humana em virtude de seu caráter sintético.

Ou seja, Vico vai destacar a capacidade criadora dos primeiros geômetras como modelo para a constituição de uma ciência humana. Por sua vez, a abstração, que recompõe aquilo que é percebido pelos sentidos, assume o papel de recomposição e produção de um conhecimento não perfeito, pois é sobre o feito da criatura, ou seja, algo que foi gerado pelo homem, como uma imagem. Disso, Vico (2002, p. 138) vai afirmar sobre a pretensão de uma física cartesiana que “O físico não pode definir as coisas segundo a verdade”, pois o homem recompõe a natureza pela síntese e pela abstração.

Em Vico, a abstração é relacionada a quatro faculdades da mente humana, que são: dos sentidos, da memória, da fantasia e do intelecto. Semelhante a Descartes, Vico (2002, p. 179) afirma que os “Hipogrifos e centauros são verdades da natureza falsamente mesclados”. Mesmo assim, em uma obra anterior, na *De Ratione*, Vico (1998, III, p. 408) afirma que “A memória, que, se não o mesmo, é certamente quase o mesmo que a fantasia, é preciso que se cultive encarecidamente nos jovens, que não se sobressaem em nenhuma outra faculdade mental”. Vico não despreza tais faculdades da memória, da fantasia e dos sentidos para o conhecimento do homem, porém, ele também percebe que elas podem levar ao falso e ao engano. Antes, é preciso utilizar-se de três faculdades para desenvolver melhor o conhecimento, que são: perceber, julgar e raciocinar.

Reconhecendo a presença da abstração na construção do conhecimento, Vico (1999-2000, I, II, p. 449) afirma na *De Antiquíssima*

que “Mediante ao que chamam abstração [o homem] fingiu para si duas coisas: o ponto, ao que poderia descrever, e o uno, ao qual poderia multiplicar”. Em Vico, a abstração está relacionada ao processo humano criador que permitirá a construção da geometria e da aritmética pelos primeiros geômetras. A partir do ponto, o homem estabelece as linhas e as formas, portanto cria a geometria. Do uno ele cria o número e o submete às quatro operações, produzindo a aritmética.

Porém, Vico percebe que, ao longo do curso das nações conforme apresenta na *Ciência Nova*, a abstração promovida pela linguagem, pela escrita e pela matemática resultou em um distanciamento do saber poético e passional privado de consciência, que pertencia à primeira natureza humana (SANNA, 2018, p. 291). Tal primeira natureza, teria sido mais poética e, portanto, utilizava-se mais da imaginação do que do entendimento. Sobre isso é preciso destacar que o saber do tipo intelectual não configura em Vico como uma superação cronológica do saber imaginativo. Para Vico, a chave da racionalidade estaria entre o imaginar e o entender (SANNA, 2018, p. 286). Pela dificuldade que se configura entre ambos “O homem luta para conhecer e reconhecer aquilo que não está diante dos seus olhos” (SANNA, 2018, p. 287), tentando conceber como presente aquilo que não se apresenta aos seus sentidos. Se para Vico a abstração se relaciona com as quatro faculdades da mente humana, que são: sentidos, memória, fantasia e intelecto, então ela faz parte tanto do momento criador, imaginativo e poético dos primeiros homens, quanto do seu distanciamento na ocasião em que priorizou o entendimento.

Descartes, a fim de privilegiar o entendimento e distingui-lo da imaginação, recorreu aos exemplos das figuras geométricas e do pedaço de cera. No resumo que introduz *As Meditações*, Descartes (2000-B, p. 245) assinalou que a diferença entre entendimento e imaginação está escrita em sua sexta meditação. Nessa, os argumentos do triângulo e do quiliógono confrontam a capacidade de entender com a de imaginar. Segundo Descartes (2000-B, p. 314):

Quando quero pensar em um quiliógono, concebo com tanta facilidade que se trata de uma figura de mil

lados quanto concebo que um triângulo é uma figura de apenas três lados; mas não consigo imaginar os mil lados de um quiliógono como faço com os três lados de um triângulo, nem vê-los como presentes com os olhos de meu espírito.

Nessa interpretação, o entendimento possui uma capacidade de compreensão superior à da imaginação, mesmo diante da capacidade infinita de escolha do homem. Desse modo, é possível compreender coisas pelo entendimento que a imaginação, limitada aos sentidos, teria dificuldades de compor. Descartes afirma que o homem é incapaz de imaginar mil lados de uma figura geométrica, mas ele pode entender perfeitamente que tal figura tenha mil lados. Para imaginar essa figura, a sua mente teria que recompor o sentido de visão. Nessa concepção, a abstração toma um outro sentido mais próximo do entendimento e se distancia daquilo que depende exclusivamente de algum dos sentidos corporais para a sua recomposição.

Na segunda meditação, Descartes (2000-B, p. 264-265) elabora o argumento do pedaço de cera para demonstrar os limites dos sentidos e da imaginação frente ao entendimento. Ele procura esgotar todas as possibilidades de conhecimento sobre um pedaço de cera que os cinco sentidos e a imaginação poderiam lhe oferecer e demonstra que, por meio do entendimento, ele conseguiria ter um conhecimento sobre a cera que superaria os limites da imaginação. Descartes raciocina que o entendimento de que a cera seria algo “extenso, flexível e mutável” é claro e distinto e, portanto, pode ser aceito como verdadeiro. Segundo o filósofo, “Essa concepção que tenho da cera não se realiza por intermédio da minha faculdade de imaginação” (DESCARTES, 2000-B, p. 265). Diferentemente disso, aquele conhecimento proporcionado pelos sentidos e pela imaginação não atenderiam ao critério de clareza e distinção e, por sua vez, não seria um conhecimento digno de confiança. Embora ele tenha diante de si um pedaço de cera que ele pode perceber pelos sentidos e recompô-lo pela imaginação, o entendimento de que ele é extenso, flexível e mutável supera os simples dados dos sentidos e permite conhecer algo

que seria incapaz de imaginar, como todas as formas que a cera poderia assumir. Nesse argumento do pedaço de cera, percebemos que Descartes novamente privilegia o entendimento em relação aos sentidos para o estabelecimento de um conhecimento certo e seguro.

Não apenas Descartes, mas uma boa parte da tradição moderna vai relacionar a imaginação aos sentidos, que são próprios do corpo, e vai dar maior relevância para o entendimento. Em outra direção, Vico reconsidera o papel do corpo e sua relação com o conhecimento ao perceber que este se modifica ao longo da história. Ele não dissocia alma e corpo, mas entende que os dois estão juntos e só fazem sentido em sua união. Para ele, o próprio corpo fornece um modo de ver o mundo enquanto um “Pensamento do coração” (SANNA, 2018, p. 301). Na *De Antiquissima*, Vico (1999-2000, V, II, p. 471) associa coração e sabedoria com o termo *cordatus* enquanto que a estupidez ele associa à ausência de coração com o termo *excors*. Vico (1999-2000, VII, II, p. 475) evidencia a sua oposição a teoria cartesiana de que a alma e o corpo estariam unidas pela glândula pineal, pois entende que o homem é alma e corpo, inseparável também de sua história.

Ainda que concorde que os elementos dos sentidos e do entendimento são diferentes, Vico procura demonstrar que eles não estão isolados. Levando em conta o aspecto histórico na *Ciência nova*, ele afirma que os primeiros homens, os chamados *bestioni*, tinham uma mente com vasta imaginação, toda imersa nos sentidos, tiranizadas pelas paixões e sepultadas nos corpos¹⁰ (SANNA, 2018, p. 291). Na primeira idade dos homens, devido um erro da imaginação, eles criaram deuses por meio da fantasia. Quando perceberam o raio no alto da montanha, eles teriam acreditado que um deus do raio tentava se comunicar com eles e, por

¹⁰ Segundo Vico, nem sequer é possível entrar na vasta imaginação daqueles primeiros homens, pois: “Assim nos é agora naturalmente negado poder entrar na vasta imaginativa daqueles primeiros homens, cujas mentes em nada eram abstractas, em nada eram subteis, em nada espiritualizadas, porque estavam todas imersas nos sentidos, todas reprimidas pelas paixões, todas sepultadas nos corpos: pelo que dissemos acima que agora apenas se pode compreender, não se podendo completamente imaginar, como pensariam os primeiros homens que fundaram a humanidade gentílica” (VICO, 2005, §378, p. 215-216).

consequência disso, se estabeleceram na montanha para se aproximar desses deuses, dando início à religião pagã (VICO, 2005, §916, p. 669); tempos depois, passaram a celebrar matrimônios para não ofender tais deuses, e, na sequência, determinaram propriedades por meio da experiência de permanecerem junto às sepulturas de seus antepassados e suas terras. Esses fatos teriam originado a vida em sociedade por meio de três elementos que são comuns a toda a humanidade, que são: a religião, o matrimônio e a sepultura. Mas, por estarem totalmente imersos no corpo, esses homens ainda não teriam a capacidade de reflexão proporcionada pelo entendimento. Por conseguinte, os seus sentidos permitiriam que estivessem cheios da capacidade inventiva de fantasia e imaginação. De acordo com Vico (2005, §819, p. 623-624):

[...] os povos [primitivos], os quais eram quase todos corpo e quase sem nenhuma reflexão, deviam possuir todos vívido sentido para sentirem os particulares, forte fantasia para os aprender e aumentar, agudo engenho para os reportar aos seus gêneros fantásticos e robusta memória para os reter. Faculdades essas que pertencem, é verdade, à mente, mas adentram as suas raízes no corpo e pelo corpo ganham vigor.

Essa imaginação dos primeiros homens, que criaram os três elementos comuns dos povos primitivos, é também o que origina a sociedade civil¹¹, ainda que ela tenha errado. Conforme o curso das nações avança, Vico constata que o homem afastou o conhecimento dos sentidos e do corpo durante o processo de abstração. Segundo ele, o entendimento

¹¹ Segundo Guido (2004, p. 53): “Vico investigou o nascimento da sociedade civil, valendo-se da análise das ideias divinas produzidas pelas primeiras gentes da terra, que com as fábulas dos deuses e dos heróis criaram, a seu tempo, as instituições sociais bárbaras”. E mais adiante, ele escreve: “Todos os relatos sobre os costumes primitivos [...] confluem para três princípios comuns: a cognição de Deus manifesta nas religiões bárbaras, os matrimônios e, por fim, o sepultamento dos mortos. Estes três princípios correspondem à humanidade do mundo, à gênese da educação da espécie humana” (GUIDO, 2004, p. 65-66).

buscou distanciar-se dos sentidos quando ele escreve que “A metafísica abstrai a mente dos sentidos” (VICO, 2005, §821, p. 625).

Em Vico percebe-se que não há como privilegiar um tipo de conhecimento em relação ao outro, pois ele não pretende separar por completo a corporeidade do intelecto. As faculdades da mente do homem são quatro: o sentido, a fantasia, a memória e o intelecto. Ou seja, o entendimento abstraído dos sentidos proporcionado pelo intelecto é uma das faculdades da mente humana junto a outras três. O sentido tem a capacidade de criação, “Pois, se os sentidos são faculdades, vendo fazemos as cores das coisas; degustando-lhes, seus sabores; ouvindo-as, seus sons; e tocando-as, fazemos o frio e o quente” (VICO, 1999-2000, VII, I, p. 474). Ou seja, é a mente humana que cria as cores, os sabores, os sons, o frio e o quente. Todos eles são construções humanas que passam pelos sentidos e a mente humana dá sentido, ou melhor, um significado àquilo que ela percebe (LOMONACO, 2018, p. 200-201). Ao se debruçar sobre os dados provenientes do sentido, o intelecto não pode dispensá-los porque ele também é uma construção a partir das sensações do corpo. A imaginação do homem é composta pela memória, que recorda; pela fantasia, que modifica e falsifica; e pelo engenho, que acomoda e arranja as coisas¹² (VICO, 2005, §819, p. 624).

Tanto intelecto quanto fantasia são *facultas* humanas, por meio daquelas três operações mentais, já mencionadas, em que o homem percebe, julga e raciocina. E com frequência, o homem percebe o falso, julga temerariamente e raciocina erroneamente (VICO, 1999-2000, VII, V, p. 477). Segundo Vico, a capacidade de perceber e de descobrir se dá pela tópica, a de julgar ocorre por meio da crítica e a de raciocinar pelo método. Assim, as três operações mentais são dependentes entre si, pois a tópica não funciona corretamente sem a crítica; e a arte da descoberta não pode se desfazer da arte do juízo; da mesma forma, o intelecto não funciona sem o engenho. O “olho” do intelecto é o juízo e o “olho” do engenho é a fantasia (VICO, 1999-2000, VII, V, p. 480). Ou seja, no processo de

¹² Cf. SANNA, 2018, p. 294-295.

abstração da mente humana, o intelecto não tem como atuar sozinho porque ele não tem capacidade criativa, pois isso cabe ao engenho. A fantasia e a memória, que estariam mais próximos dos sentidos e das imagens, são importantes para a criatividade do engenho, que, por sua vez, deve ser investigado pelo intelecto a fim de produzir conhecimentos verdadeiros e novos. Vico estabelece uma ordem correta para a produção da ciência que parte da imaginação para o entendimento, que vai da criatividade para a avaliação do intelecto.

Para Vico (1999-2000, VII, I, p. 474), a fantasia é uma “Faculdade certíssima, pois enquanto a usamos fingimos em nós as imagens das coisas”. Para ele, o certo e o verdadeiro não são as mesmas coisas. Ao afirmar que a fantasia é certíssima, podemos dizer que ela é criadora de ficções que o homem finge para si, tal como as ficções que ele cria da geometria e aritmética, da história, da poesia¹³ e da linguagem, assim como das coisas relativas ao sentido, como: as cores, o frio e o quente etc. O certo é sempre um conhecimento verossímil, relacionado ao senso comum e a fantasia, de utilidade social, particular, mutável, um meio termo entre o verdadeiro e o falso. Já o verdadeiro é um conhecimento universal, matéria da ciência e da filosofia e está relacionado ao entendimento. Sentido, fantasia, memória e intelecto operam, enquanto faculdades humanas, na construção de seu conhecimento por meio das operações mentais de perceber, julgar e raciocinar. Sanna (2018, p. 298) afirma que “A fantasia é também uma capacidade, porque produz uma representação do seu objeto e põe assim em movimento um juízo, que é da alma”. Sendo assim, a mente humana celebra a sua quase divina¹⁴ condição com a imagem que

¹³ Vico não despreza o conhecimento dos poetas como uma criação falsa. Ele afirma que “Os poetas miram a verdade na ideia, isto é, no universal” (VICO, 1998, VIII, p. 418).

¹⁴ Quase divina porque ela se assemelha em imagem ao Deus criador da natureza. A mente humana, sendo imagem da perfeição, sempre será imperfeita. O modelo de conhecimento que pode ter melhores resultados sobre a natureza seria aquele que, entendendo sua máiuscula limitação de conhecimento, opera por instrumentos sobre a natureza e a interroga por meio de experimentos para confirmar seus juízos imperfeitos sobre aquilo do qual ele não é autor. O conhecimento que surge disso é uma ficção humana da natureza que pode ser aceita se resultar em um conhecimento útil para a humanidade.

produz sobre a natureza de forma engenhosa por meio da fantasia. A categoria viquiana da imaginação se constitui enquanto perspectiva de um conhecimento “ingênito” do homem (SANNA, 2018, p. 299).

A faculdade do intelecto depende do engenho, que é a “Virtude mental de unir rápida, apta e felizmente coisas separadas” (VICO, 1998, VII, p. 417)¹⁵. Engenho e natureza seriam o mesmo para os latinos, pois o engenho humano poderá ser a natureza humana. As ciências da aritmética e da geometria são atribuídas à prática dos engenheiros. O saber por imagens fez com que a língua italiana, rica em imagens, produzisse um saber agudo em pintura, escultura, arquitetura e música superior ao das demais nações, segundo afirma Vico (1998, VII, p. 418) na *De Ratione*. A fantasia, “olho” do engenho humano, é o que permitiu aos homens criar o método geométrico quando fingiram o ponto e também o uno. Inclusive, Vico considera a geometria como uma *poiesis*, comparando os primeiros geômetras a poetas, enquanto criadores de algo; note-se, além disso, que os primeiros físicos e os poetas operaram por meio da metonímia e do pensar sintético.

Considerações finais

Portanto, de acordo com a concepção de Vico, concluímos que mesmo que a imaginação crie centauros, há alguma relação desses seres com elementos que foram antes apresentados aos sentidos, guardados na memória e combinados pela fantasia. Por outro lado, no processo de abstração que depura o falso, temos que o entendimento sozinho não é capaz de produzir novos conhecimentos. Vemos isso claramente quando Vico afirma que o método crítico de seu tempo, que pretende afastar-se da corporeidade, cega a fantasia e sepulta a sua memória resultando em uma deficiência para o engenho criativo na formação dos jovens e em prejuízos

¹⁵ Na *De Antiquissima*, Vico a define escreve: “Engenho é a faculdade de unir em um só coisas dispersas e diversas; os latinos o chamaram ‘agudo’ ou ‘obtusos’” (VICO, 1999-2000, VII, IV, p. 476).

para o pensamento científico na descoberta de novos conhecimentos úteis. A imaginação, que se relaciona com as faculdades da memória, da fantasia e do engenho, é indispensável para o processo de abstração do homem que cria a ciência.

Referências

- DAMIANI, Alberto Mario. *Giambattista Vico: la ciencia anticartesiana*. Buenos Aires: Almagesto, 2000.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000a.
- DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000b.
- DESCARTES, René. *Princípios de Filosofia*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2016.
- GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOMONACO, Fabrizio. Vico e a metafísica de 1710. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (Orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 183-211.
- MARTIRANO, Maurizio. Vico e a construção do mundo humano. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de Amorim. (Orgs.). *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 251-274.
- PATTERSON, Sarah. Percepção clara e distinta. In: BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (Orgs.). *Descartes*. Trad. Ethel Rocha e Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 216-233.
- SANNA, Manuela. Manifestações da aparência e engano da presença no conceito moderno de imaginação. Trad. Humberto Guido. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (Orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 285-304.
- SILVA NETO, Sertório de Amorim. Vico e a fundamentação antropológica da Metafísica. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório

de Amorim (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 203-224.

VICO, Giambattista. Del método de estudios de nuestro tiempo. 1708. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 9, 1998.

VICO, Giambattista. La antiquíssima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina. 1710. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 11-12, 1999-2000.

VICO, Giambattista. *Obras*: Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002.

VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. 1744. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Data de registro: 22/08/2022

Data de aceite: 30/11/2023